**A CAÇA AO TESOURO COMO PRÁTICA DE ENSINO E LEITURA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO ESCOLAR**

Gabriel Mathias de Abreu Castilho – UERJ/FEBF

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo debater o papel do espaço escolar no processo de formação dos alunos, tal como entender os discentes como agentes que constrói esses espaços a partir da sua relação com ele, os reconhecendo então como sujeitos espaciais ativos, tanto no que diz respeito a leitura espacial, isto é, a interpretação, quanto na própria proposição de organização do espaço escolar. Propõe então uma prática de ensino através da caça ao tesouro que visa evidenciar o conhecimento que os alunos carregam a partir de suas vivências, além de buscar oferecer ferramentas para a construção do saber geográfico.

Palavras Chaves: prática de ensino, infâncias, espaço escolar, vivências.

Resumo Expandido

**Introdução**

A escola é um dos principais espaços de desenvolvimento das crianças enquanto sujeitos, pois, por ser um lugar comum na rotina das infâncias, é o ambiente vivenciado e experimentado diariamente, e, entendendo o espaço geográfico como produto e produtor social, essa mesma escola influi na produção dos sujeitos e é resultado das suas relações. Logo, é necessário entender o potencial do espaço na construção do ser tal como a importância da vivência, que pode ser definida segundo Vigotski (1999) como a ligação entre o que está localizado fora da pessoa com a forma com a qual se vivencia isso, ou seja, a ligação das particularidades do meio com as particularidades da personalidade.

Se as vivências influem no desenvolvimento do sujeito, por consequência, o espaço geográfico também é um fator de influência, pois todas as experiências e vivências são espaciais, que as limitam e/ou as potencializam.

É ali também que as diferentes infâncias se estabelecem, no limiar entre as crianças e os lugares que vivenciam. As crianças, produtoras e portadoras de linguagens e geografias, vivenciam o mundo, espacializando suas vidas, inaugurando topogêneses, enunciando seu viver. (LOPES, 2023. p. 5)

Logo, fica explicitado a importância do espaço na formação do sujeito e, nesse caso, a importância da relação aluno-espaço escolar. Essa escola é ainda um território, pois as suas relações de poder determinam o que pode ou não ser, onde pode ou não ir e ditam os espaços que podem ou não ser ocupados, influenciando assim na existência dos alunos, com os profissionais determinando tanto os lugares que devam ser explorados, quanto outros que passam a ser proibidos ou parcialmente ou completamente, uma vez que o funcionamento de escolas tradicionais é marcado por grades de horários que determinam as atividades dos alunos. Por exemplo, as crianças têm permissão de usar o pátio, entretanto, apenas em horários específicos, como o recreio, pois nos demais devem estar em sala de aula. Assim, pode ser construído no imaginário social dos discentes que enquanto a sala é um ambiente de estudo, caracterizada por ser o lugar das aulas formais, os demais espaços, como o pátio, não são lugares de aprendizagem, mas de liberdade ou de intervalo do processo de ensino.

Por outro lado, é justamente a forma como essas crianças se relacionam com o espaço escolar que determina a sua organização espacial. Usando o mesmo exemplo anterior, o pátio é onde as crianças podem circular livremente, pois na ausência de cadeiras e mesas marcadas, há maior liberdade para os alunos. Essa mesma liberdade corre o risco de ser interpretada como desordem, uma vez que os professores não conseguem necessariamente acompanhar o ritmo das crianças que circulando livres, o que nos moldes tradicionais impactaria no ensino das crianças. A conclusão é que, ao mesmo tempo que os adultos do ambiente escolar definem onde e quando cada espaço possa ser utilizado, constrói assim as funções que cada um receberá e isso implicará na forma como os alunos se relacionam com esse espaço e, ainda, a forma como eles se relacionam com o meio influenciará sua organização também, em um processo cíclico.

Assim sendo, as escolas são apropriadas pelas infâncias ao mesmo tempo em que estas escolas produzem infâncias, e por configurarem como fator de importância na sua existência, as crianças devem ser capazes de entender esses espaços, ainda que dentro das suas perspectivas e formas de ler o mundo.

Quando a leitura e a interpretação do espaço escolar são consideradas apenas quando feitas por adultos que o vivenciam, perde-se o entendimento e análises feitas por aqueles que são o principal público-alvo desse espaço, os próprios alunos. Assim sendo, desconsideram a sua importância como agente que também produz e é produto desse espaço, tal como desconsidera a sua capacidade de leitura a partir da sua vivência e ignora o saber produzido pelas infâncias.

Partindo da problemática e considerando a importância do espaço escolar e da vivência no desenvolvimento das crianças, a geógrafos e docentes devem buscar práticas de ensino para a construção de conhecimentos espaciais que sirvam como ferramentas de auxílio aos alunos para reconhecer, produzir e se apropriar do espaço escolar, para que sejam assim reconhecidos como agentes espaciais, rompendo com a perspectiva de seres passivos que apenas existem em palcos pré-concebidos.

**Desenvolvimento**

A partir do levantamento teórico e atendendo ao Eixo 8 do Seminário REDES sobre Tessituras de solidariedade e de convivências nos diferentes espaçostemposeducativos do ensino em Educação Básica é necessário pensar metodologias ativas de prática de ensino que visem à construção do pensamento geográfico a partir da escola.

Com o Projeto de Extensão CRIAS – Ateliê de Geografia das Infâncias da Baixada Fluminense, da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – FEBF, que tem como um dos objetivos a concepção de experimentos lúdicos para o ensino de geografia, foi realizada uma visita à Escola Municipal Professora Carmem Corrêa de Carvalho Reis Braz, localizada em Imbariê, distrito de Duque de Caxias – RJ. A visita tinha como objetivo promover atividades com os discentes dos anos iniciais em processo de alfabetização que envolvesse práticas de ensino de Geografia.

“Ensinar a ler o mundo com um olhar geográfico é um processo que se inicia desde os primeiros anos de vida quando se reconhecem os lugares, identificam-se os objetos e vivenciam-se os percursos [...].” (CASTELLAR, 2017, p. 6).

Logo, apesar de atender turmas que ainda não tiveram aulas formais de Geografia, uma das atividades escolhidas foi um jogo de caça ao tesouro que usasse os lugares comuns da escola (como o pátio, quadra e salas), levando em consideração a necessidade de propor dinâmicas que provocasse o olhar geográfico sobre a escola.

Para isso, antes da chegada dos alunos, foram elaborados croquis simples da planta da escola, como uma representação cartográfica do espaço que seria utilizado para a atividade. O croqui serviu como um mapa que guiasse a caça ao tesouro e que constava algumas demarcações importantes, como o limite da escola, a porta de entrada, pátio, canteiros de plantas, parquinhos, quadra, salas de aula, entre outros. Foi utilizado também um quebra cabeça antes desenvolvido onde cada uma das peças correspondia a um município da Baixada Fluminense. Com o croqui feito, foi necessário esconder cada uma das peças do quebra cabeça pelo espaço escolar e marcar no mapa o lugar correspondente onde estariam. Assim, o objetivo é que a turma de alunos com auxílio dos professores pudesse usar o mapa para localizar cada uma das peças e no final, em conjunto e com auxílio do mapa da Baixada Fluminense, juntarem as peças formando a região.

Apesar de não terem aulas específicas de Geografia até então e, por consequência, terem pouco contato com as linguagens cartográficas, foi possível usar algumas dimensões espaciais que já conheciam a partir da sua própria vivência, como a leitura das representações dos objetos no mapa, relações de distância (perto-longe) e direções. Acontece que, segundo Castellar (2017) a leitura de um mapa não se limita a parte técnica, devendo considerar também os elementos culturais que as crianças são capazes de observar e estruturar em pensamentos. Logo, ainda que não entendam o que é uma projeção cartográfica, símbolos, legendas e demais elementos do mapa, eram aptos a entender que se o desenho de uma árvore é a representação de uma árvore na realidade e se consta no mapa que há uma peça próxima a ela, ao redor da árvore real estará escondida a peça que deve ser achada.

O objetivo da atividade é justamente fazer com que o aluno seja capaz de entender o espaço que vivencia a partir da representação em um croqui e que, com o auxílio deste, fosse capaz de entender questões espaciais como posição e distância dos objetos. Junto à caça ao tesouro, algumas perguntas provocativas eram feitas aos alunos como, por exemplo, qual o lugar favorito, os lugares que consideravam de estudo e se era possível indicá-los no mapa.

A atividade completa não só faz com que os alunos tenham um contato com a cartografia, mas que trabalhasse com representações, dimensões espaciais e que fizesse uma leitura a partir da sua vivência individual da organização espacial da escola. Portanto, foi considerado o saber pré-existente à atividade, tal como a sua capacidade de ler um espaço que é experimentado por eles todos os dias. O professor na ocasião funciona como um mediador da atividade que só poderá ser concluída com a participação ativa dos alunos.

No final da atividade, os alunos todos juntos com as peças em mãos montaram o quebra-cabeça formando a Baixada Fluminense e, com o auxílio da plataforma *Google Earth*, foi apresentado a região que formaram, passeando por diversas escalas, exibindo em ordem o Brasil, o estado do Rio de Janeiro, a Baixada Fluminense, o município de Duque de Caxias, o distrito de Imbariê e por fim, a escola.

**Conclusão**

Destacando como o espaço influi na formação e na construção dos saberes, entendê-lo passa a ser uma demanda de todos aqueles que os vivenciam. Esta responsabilidade muitas vezes termina nas mãos dos docentes e dos demais profissionais da escola, entretanto, é necessário entender o papel do aluno nesse processo.

O aluno é agente ativo por propor em conjunto com os demais atores a organização espacial da escola e, dessa forma, é preciso evidenciar os saberes necessários para a elaboração do conhecimento geográfico. Atividades lúdicas são algumas alternativas para dar luz a esses conhecimentos que as crianças trazem a partir da sua vivência e por isso podem fazer parte de uma metodologia para a construção desses saberes.

Conforme os resultados obtidos com a atividade da caça ao tesouro, foi possível perceber que, ainda que não haja um conhecimento técnico sobre cartografia, os alunos não só a trabalharam com representações espaciais projetadas, como também foram capazes de fazer uma análise a partir de associações, tal como interpretar esses espaços, conforme foi percebido através das perguntas provocativas.

Desconsiderar esses conhecimentos seria desperdiçar o potencial dos alunos como agentes ativos que usam e transformam o espaço, sobretudo em um ambiente escolar que precisa se preocupar também em entender as infâncias. Por isso, reforça a necessidade de considerar o saber espacial do aluno, assim como prepará-los com ferramentas necessárias para compreender e entender o mundo que o cerca.

Referências

**CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. CARTOGRAFIA ESCOLAR E O PENSAMENTO ESPACIAL FORTALECENDO O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO.**Campinas: Revista Brasileira de Educação em Geografia, 2017.

JANER MOREIRA LOPES, Jader; COSTA, Bruno Muniz Figueiredo; AMORIM, Cassiano Caon. **MAPAS VIVENCIAIS: possibilidades para a Cartografia Escolar com as crianças dos anos iniciais.** Revista Brasileira de Educação em Geografia, *[S. l.]*, v. 6, n. 11, p. 237–256, 2016. Disponível em: https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/381. Acesso em: 30 maio. 2024.

JANER MOREIRA LOPES, Jader; MUNIZ FIGUEIREDO COSTA, Bruno. **MAPAS VIVENCIAIS E ESPACIALIZAÇÃO DA VIDA.** Porto das Letras, *[S. l.]*, v. 9, n. 1, p. 321–335, 2023. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/15710. Acesso em: 30 maio. 2024.

LOBATO, Rodrigo Batista; LOPES, Jader Janer Moreira. **Protagonismo Infantil e Cultura Cartográfica: as crianças e a pandemia**. Rio de Janeiro: Revista Tecnologias na Educação, 2021. Disponível em: https://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2021/11/Art9-Ano13-vol36-Novembro-2021.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia da Arte.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Flores, 1999.